

REVESTIR E PROTEGER: CONFIGURAÇÕES PARA TECER O AFETO

MAINÔ CLAUDIO CAETANO¹; MARTHA GOMES DE FREITAS²

¹Universidade Federal de Pelotas – mainoclaudiocaetano@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – marthagofre@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A vigente reflexão constitui parte de minha investigação dentro do campo das artes visuais, desenvolvida em conjunto ao projeto de pesquisa *Estudo sobre a Profundidade* coordenado pela Profa Dra. Martha Gomes de Freitas. Neste texto, me debruçarei sobre meu trabalho *Interiores de bolso*, 2025, que explora a noção de centralidade e envolvimento que desenvolvemos com as moradas em que habitamos no decorrer da vida. Desse modo, partindo, em um primeiro momento, da imagem da casa, viso analisar situações que proporcionam qualidades de contato e aquecimento. Para desenvolver minhas reflexões, me aproximo da produção do artista alemão Joseph Beuys, mais especificamente da obra *Felt suit*, 1970, que relaciono à algumas ideias elaboradas no livro *O casaco de Marx* de Peter Stallybrass. Recorro também à obra *Mis manos son mi corazon*, 1991, do artista mexicano Gabriel Orozco com a intenção de promover um diálogo acerca de configurações que proporcionam revestimento, e consequentemente, nos abrigam.

2. METODOLOGIA

Em seu livro *A filosofia da casa*, o filósofo italiano Emanuele Coccia dá início a seu primeiro capítulo *mudanças* com a seguinte indagação: “[...] quantas vezes minhas mãos tinham repetido aquele mesmo gesto? Parei por um instante e tentei lembrar e contar todas as mudanças que eu já tinha feito” (Coccia, 2024, p. 23). Em um mesmo movimento de retorno às antigas moradas, sugerido pela pergunta de Coccia, me propus a revisitar as memórias dos ambientes domésticos que já habitei no trabalho *Interiores de bolso*. Nesse processo de inventário, em que tive que consultar minhas lembranças mais antigas e familiares para compor as peças, determinei onze diferentes moradias ao todo. Quase uma dúzia de casas e apartamentos com arquiteturas e organizações muito distintas, sendo a partir dessas distinções que caracterizam cada uma, que construí, por meio do bordado e da costura, onze pequenas casinhas de feltro nas cores bege e ocre, as quais foram então estruturadas com fibra siliconada para enchimento.



Imagem 1. Mainô Caetano, *Interiores de bolso*, 2025. Feltro, linha de costura, enchimento. 22 x 22 x 6 cm

As peças, quando expostas, são organizadas de modo que formam um círculo quando vistas de cima, sendo que na parte voltada ao exterior não se apresentam janelas, portas ou sacadas, todas as informações bordadas foram reservadas às faces interiores. As peças acabam por ocultar umas às outras, dificultando a visibilidade dos desenhos, de modo que o espectador precisa circular o conjunto ou então aproximar-se para identificar todos os detalhes. Determino tal disposição pensando na casa como um ser concentrado, que ative uma consciência de centralidade (Bachelard, 1990), e assim me aproximando daquilo que se encontra no interior de algo, propondo uma atenção ao que é interno.

O título *Interiores de bolso* deriva, em um primeiro momento, da ideia de uma arquitetura que, poeticamente, cabe dentro de uma dobra de tecido, mas também faz referência ao próprio lugar de acolhida e aquecimento das mãos que são os bolsos. Se uma vida inteira, lembranças e afetos, não cabem em um par de malas e algumas caixas, tento carregá-los junto ao corpo. Em síntese, ao pensar a morada a partir do deslocamento, retornando a indagação inicial de Coccia, proponho uma reflexão a respeito do que permanece conosco, e em um movimento de aproximação, nos aquece.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Adentrando a topografia doméstica, nas gavetas e armários guardamos partes móveis da casa, as roupas. É pensando nessas camadas móveis de proteção e aconchego que me aproximo das obras do artista alemão Joseph Beuys, mais especificamente de seu trabalho *Felt Suit* (terno de feltro), constituído por um terno de duas peças, um paletó e uma calça de braços e pernas alongados feitos a partir de um feltro cinza grosso, sem botões ou caseados.

Modelada a partir do terno do próprio artista, a peça foi produzida como um múltiplo de cem exemplares idênticos, que, de acordo com Beuys podiam ser exibidos ou guardados de qualquer maneira, seja pendurado em um cabide, preso à parede por pregos, vestido ou simplesmente jogados dentro de um baú.



Imagem 2. Joseph Beuys, *Felt Suit*, 1970. Feltro e madeira. 166 x 66 x 26 cm.

A simplicidade do terno preserva as características do feltro, material muito investigado por Beuys em diversas de suas obras. O feltro pode ser moldado em um número infinito de formas e para além da maleabilidade, possui fortes propriedades de isolamento térmico e proteção, apesar de sua fragilidade. Obtido a partir do emaranhamento de fibras de origem animal, que são depois molhadas e prensadas, o feltro não é tecido, não possuindo uma trama que preserva seu formato, o resultado é uma superfície versátil que convoca o toque. Beuys se apropria dessas qualidades, maximizando a proteção proporcionada pela roupa e reforçando a noção de calor do corpo, a energia da vida.

Atuando como uma película entre meios, a roupa recebe elementos e marcas de tudo o que entra em contato com sua superfície, em seu livro *O casaco de Marx*, Peter Stallybrass expõe que “a mágica da roupa está no fato de que ela nos recebe: recebe nosso cheiro, nosso suor; recebe até mesmo nossa forma” (2008, p.10). No decorrer do texto, reforça-se que as roupas recebem as marcas do corpo de quem as usa, de modo que seriam tais vestígios que evidenciam as vestimentas como objetos de valor e significado, superando sua serventia básica e valor comercial. Nesses desgastes de uso constante, Stallybrass encontra a memória de seu falecido melhor amigo. As marcas e desgastes extremos do forro de uma jaqueta de baseball sinalizam uma ausência, mas aproximam o autor da memória de seu ente querido.

O casaco usado, guarda a memória do corpo. Em *Interiores de bolso* busco jogar para dentro de um canto de tecido as lembranças das casas em que já habitei, um movimento que guarda, esconde, e acolhe. As casas diminutas e leves tornam-se móveis, de forma que posso carregar a memória das arquiteturas junto comigo, ainda que imaginariamente. Elas agora habitam o espaço íntimo e ordinário que é o bolso, onde fica o tecido mais simples e puído pelo gesto das mãos em busca de calor e descanso.

4. CONCLUSÕES

Seja por meio da casa, do feltro ou ainda do casaco bem usado, estamos constantemente buscando por situações de aquecimento, de meios de contato que proporcionam um aconchego que passa, mas não se limita, pela materialidade. Identifico em meu trabalho, aspectos que dialogam tanto com a obra de Beuys quanto com o livro de Stallybrass, aquilo que se dá ou é sugerido através da memória de um encontro, algo que presentifica-se na esfera do tátil. Aquilo que vêm da pele e mantêm-se na memória das mãos, como toque e proteção.

Cito ainda o trabalho do artista Gabriel Orozco, em argila moldada em suas próprias mãos denominado *Mis manos son mi corazon*, 1991. Nele o artista pressiona uma porção de argila nas mãos, compreendendo que aquele espaço formado no calor entre elas, no seu encontro, pode dizer de seu coração. Para além do tamanho ou da forma, é o que molda a argila que dá o sentido poético ao trabalho, esse espaço de acolhida.



Imagem 3. Gabriel Orozco, *Mis manos son mi corazon*, 1991. 23.2 x 31.8 cm

Voltando a interiores de bolso como título para o meu trabalho e disparador para as aproximações feitas nesse texto, destaco esse lugar do que guardamos, do que está próximo do corpo, para atravessar com o que é memória, com o que diz dos nossos afetos. Sua configuração, pequenas casas macias que cabem na palma da mão, nos alocam como sujeitos que transitam entre estarmos protegidos e preservarmos a sensação de proteção em nossas mãos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, G. **A Poética Do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

COCCIA, E. **Filosofia da casa: o espaço doméstico e a felicidade**; desenhos de Luiz Zerbini. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2024.

STALLYBRASS, P. **O Casaco de Marx: roupas, memória, dor**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.